



Metafísica e imanência em Schopenhauer com um olhar especial para Nietzsche

Metaphysics and immanence in Schopenhauer with a special view directed to Nietzsche

Jair Barboza

Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: jbarboza@gmx.us

Resumo: Este artigo pretende mostrar como Schopenhauer define sua metafísica imanente. Um olhar especial é lançado a Nietzsche.

Palavras-chave: Metafísica; Religião; Schopenhauer; Nietzsche.

Abstract: This article aims to show how Schopenhauer understands his immanent metaphysics. A special view is directed to Nietzsche.

Keywords: Metaphysics; Religion; Schopenhauer; Nietzsche.

Templos e igrejas, pagodes e mesquitas, em todos os países, em todos os tempos, no esplendor e na grandeza, testemunham a necessidade metafísica da humanidade, necessidade que, forte e inextirpável, pisa os calcanhares da necessidade física.

Por METAFÍSICA entendo todo assim chamado conhecimento que vai mais além da possibilidade da experiência, logo mais além da natureza, ou aparência dada das coisas, para fornecer um clareamento sobre aquilo através do que, em um ou outro sentido, estaríamos condicionados; ou, para falar em termos populares, sobre aquilo que se esconde atrás da natureza e a torna possível.

(SCHOPENHAUER, A. WWV II, cap. 17)

1. Metafísica e imanência em Schopenhauer

A definição de metafísica dada por Schopenhauer passa pela doutrina, estabelecida ao longo de todo o seu pensamento, de que existe uma IDENTIDADE da vontade com o corpo do investigador. Este, diz o filósofo ironicamente, não é uma “cabeça de anjo alada”, mas tem um corpo animal, que lhe é dado de duas maneiras: uma, como *representação*, ou seja, como objeto entre objetos, e como tal submetido às leis das aparências do mundo, leis postas pelo princípio de razão suficiente, que reza que nada é sem uma razão pela qual é: tudo no mundo tem uma razão de ser e, para o corpo, a razão de ser de suas ações, na realidade efetiva, fundamenta-se nos diversos motivos que o movimentam; por outro lado, o corpo pode ser vivenciado, exatamente nessas ações, de uma maneira completamente outra, a saber, como *vontade*, apreendida por cada um de nós enquanto impulsora dos movimentos próprios: é como se cada um pudesse observar, dentro de si, a causalidade por dentro, vale dizer, pudesse compreendê-la plenamente a partir da própria subjetividade.

Tal identidade do corpo com a vontade não cabe na geografia do conhecimento traçada no ensaio *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente*. Eu o cito:

[...] pois agora a verdade não é, como nos outros casos, a referência de uma representação abstrata a uma outra representação, ou à forma necessária do representar intuitivo ou abstrato; mas é a referência de um juízo à relação que uma

representação intuitiva, o corpo, tem com algo que **absolutamente não é representação**, mas *toto genere* diferente dela, a saber: **vontade**. Gostaria, por conta disso, de destacar essa verdade de todas as demais e denominá-la VERDADE FILOSÓFICA κατ' ἑξοχήν¹.

Schopenhauer elenca diversas expressões que também evidenciariam o que define como “verdade filosófica”: α. “meu corpo e minha vontade são uma coisa só”; β. “o que como representação intuitiva denomino meu corpo, por outro lado denomino minha vontade”; γ. “o meu corpo é a OBJETIDADE da minha vontade”; δ. “abstraindo-se o fato de que meu corpo é minha representação, ele é apenas a minha vontade”².

Nesse sentido, todo ato da vontade é ação do corpo, vale dizer, o ato da vontade e a ação do corpo não são duas coisas diferentes, mas uma única e mesma coisa porém percebida de modos distintos: uma percepção é imediata, na consciência de si, como impulso subjetivo, outra é mediata, na consciência das outras coisas, como ação corporal objetiva. Em realidade, aqui, diz, o tempo, “forma arquetípica” da finitude, faz com que uma mesma coisa seja percebida de dois modos, isto é, sequencialmente. Ademais – continua Schopenhauer, para bem expor a sua intuição – todo movimento veemente da vontade, abala imediatamente o corpo, e toda ação veemente sobre o corpo, atinge diretamente a vontade: com isso sentimos, em ambos os casos, bem ou mal-estar.

Ora, como o meu corpo é um corpo entre outros corpos, posso estender esse conhecimento privilegiado da identidade do meu corpo com a minha vontade, haurido na minha subjetividade, a todos os corpos do mundo, os quais, como o meu, estão submetidos à causalidade que inexoravelmente rege os corpos no espaço e no tempo. Assim, ao observar de dentro a causalidade, posso inferir que todos os corpos do mundo, submetidos ao princípio de razão – e um dos domínios que este rege é justamente o da causalidade – têm um íntimo igual ao meu: vontade. É a chamada CONCLUSÃO ANALÓGICA, sem a qual a metafísica imanente, com vocação para a cosmologia, de Schopenhauer, não funciona.

Desse modo, o mundo dos corpos não é um mundo de meros fantasmas, de

¹ SCHOPENHAUER, A. WWV I, p. 122, negritos meus. O número fornecido das páginas de *O mundo como vontade e como representação* corresponde à paginação original - edição Paul Deussen - de ambos os tomos publicados pela Editora Unesp, 2015, Trad. Jair Barboza.

² Idem, p. 122-123.

simples representações submetidas ao princípio de razão suficiente, já que posso atribuir-lhes, *eticamente*, a mesma realidade que a minha. Noutros termos, embora os corpos do mundo sejam de um lado simples imagens, simples aparências, simples representações submetidas ao princípio de razão em meu entendimento, de outro, para não cair no EGOÍSMO TEÓRICO, tenho de reconhecer que esse mundo aí em minha frente não é um fantasma mental, mas também é “minha vontade”. A vontade, pois, é a coisa em si das aparências do mundo.

Esse percurso que leva do íntimo do próprio corpo ao íntimo dos outros corpos revela, portanto, segundo o filósofo, uma vontade que é cósmica, e de vida, pois em sua “atividade” tende à vida em tudo, desde o irromper na força que forma o cristal de gelo, passando pela agulha magnética voltada para o polo norte, pelas forças de atração e repulsão, pelas afinidades eletivas, pela gravidade, pelo crescimento das plantas, pelas ações ponderadas, instintivas e impulsivas dos seres humanos, pelas ações instintivas e impulsivas dos animais etc. Tudo isso é diferente apenas na aparência, pois em si é algo IDÊNTICO àquilo que em mim chamo vontade. Por conseguinte, onde há vontade, haverá vida. Por isso “vontade de vida” é, na filosofia de Schopenhauer, uma expressão pleonástica.

E, visto que não submetida ao princípio de razão, enquanto princípio de individuação, essa Vontade de vida é isenta de pluralidade, logo, una e indivisa. Trata-se da *identidade metafísica da vontade* que seria visível na finalidade que envolve os reinos naturais.

Em conformidade com tudo isso, cada aparência teve de adaptar-se ao ambiente no qual emergiu, e este, por seu turno, teve de adaptar-se àquela, embora cada aparência ocupe muito mais tardiamente uma posição no tempo; assim, em toda parte vemos um *consensus naturae*. Cada planta adapta-se ao seu solo e atmosfera, cada animal adapta-se ao seu elemento e presa que há de se tornar seu alimento e que também é de alguma maneira protegido contra seu predador natural; o olho adapta-se à luz e à refrangibilidade, os pulmões e o sangue ao ar, a bexiga natatória à água, os olhos da foca à mudança de seu médium, as células do estômago do camelo, que contém água, à seca do deserto africano, a vela do náutilo ao vento que o faz navegar, e assim por diante, até as formas mais especiais e admiráveis de finalidade externa³.

³ Idem, p. 190.

Platão, com sua teoria dos arquétipos, opera nessa metafísica, pois os atos originários da vontade, como cósmica e de vida, vontade até então cega, são compreendidos como Ideias, equiparadas às espécies da natureza, definidas como “graus de objetivação da vontade”. São as Ideias que permitem a *Sichtbarkeit*, visibilidade da vontade, isto é, permitem a transpassagem dos seus atos atemporais para o tempo, com o que o mundo que me aparece nada é senão o *Spiegel*, espelho da vontade.

É dessa forma que Schopenhauer erige os fundamentos da sua metafísica imanente, vale dizer, ela é um saber haurido precipuamente de uma intelecção do mundo interior, na consciência de si, intelecção que apreende a vontade como coisa em si do próprio corpo e dos demais corpos do mundo.

Portanto, se a metafísica vai mais além da aparência, isto é, mais além da natureza, é, contudo, no sentido de ir até aquilo escondido atrás dela mesma natureza. Mas esse escondido sempre se manifesta de algum modo, por conseguinte não é extra-mundano. Consequentemente, para Schopenhauer, a sua metafísica “jamais se afasta por completo da experiência, mas permanece a simples interpretação e exegese desta, já que nada fala da coisa em si senão em sua referência à aparência”⁴.

Nesse espelho da vontade que é o mundo, há, segundo Schopenhauer, um consenso da natureza dado pela teleologia harmoniosa dos reinos naturais, que, todavia, se dá apenas entre as espécies, pois entre os indivíduos delas há uma guerra mortal e contínua de todos contra todos: é a chamada *überwältigende Assimilation*, assimilação por dominação. Numa passagem longa, porém imprescindível para o olhar especial que logo a seguir lançarei a Nietzsche, diz o autor de *O mundo...*

Não há vitória sem luta: ora, na medida em que a Ideia ou objetivação da vontade mais elevada só pode entrar em cena através da dominação das mais baixas, sofre a resistência destas, as quais, embora submetidas à servidão, sempre se esforçam por ser independentes e exteriorizar completamente a sua essência – igual ao ímã que atrai um ferro e trava uma luta constante contra a gravidade que, enquanto objetivação mais elementar da vontade, tem um direito originário à matéria do ferro; todavia, em tal luta, o ímã se fortalece, visto que a resistência como que o

⁴ SCHOPENHAUER, A. WWV II, p. 203.

estimula a um maior empenho; é assim com todas as aparências da vontade, inclusive com a aparência exposta como organismo humano, que travam uma luta duradoura contra as diversas forças físicas e químicas que, como Ideias mais elementares, têm um direito prévio à matéria... Assim, em toda parte na natureza vemos conflito, luta e alternância da vitória, e aí reconhecemos com distinção a discórdia essencial da vontade consigo mesma. Cada grau de objetivação da vontade combate com outros por matéria, espaço e tempo. A matéria que subsiste tem continuamente de **mudar de forma**, na medida em que, pelo fio condutor da causalidade, aparências mecânicas, químicas, orgânicas anseiam avidamente por emergir e assim arrebatam umas às outras a matéria, pois cada uma quer manifestar a própria Ideia. Esse conflito pode ser observado em toda a natureza, sim, em verdade esta só existe em virtude dele [...] Tal conflito, entretanto, é apenas a manifestação da discórdia essencial da vontade consigo mesma. E a visibilidade mais nítida dessa luta universal se dá justamente no mundo dos animais – o qual tem por alimento o mundo dos vegetais –, em que cada animal se torna presa e alimento de outro, isto é, a matéria na qual uma Ideia se expõe tem de ser abandonada para a exposição de outra, já que cada animal só pode alcançar a sua existência pela supressão contínua da existência de outro; assim, a Vontade de vida crava continuamente os dentes na própria carne e em diferentes figuras é seu próprio alimento [...]⁵.

Note-se, nesse quadro pintado por Schopenhauer, a cena do primeiro plano: a natureza é em toda parte “conflito” dos indivíduos entre si por matéria, espaço e tempo: “a matéria que subsiste tem continuamente de mudar de forma”, o que produz “luta” e “alternância da vitória” entre os representantes das espécies inorgânicas, vegetais, animais e humana: é, em realidade, o espelho da discórdia essencial da vontade consigo mesma, que, num processo de autofagia, crava os dentes na própria carne.

2. Olhar especial para Nietzsche

Não estaria precisamente na letra e no espírito dessa citação de Schopenhauer, que descreve o espelhamento metafísico, na realidade, da autodiscórdia essencial da Vontade de vida consigo mesma, o embrião do que Nietzsche depois entenderá como vontade de potência?

Pensamos aqui em *Para além de bom e de mau*, § 259:

⁵ SCHOPENHAUER, A. WWV I, p. 173-175, negrito meu.

Aqui devemos pensar radicalmente até o fundo, e guardemo-nos de toda fraqueza sentimental: a vida mesma é *essencialmente* apropriação, ofensa, dominação [*Überwältigung*] do que é estrangeiro e mais fraco, opressão, dureza, **imposição de formas próprias**, incorporação e, no mínimo e mais comedido, exploração [...] A “exploração” não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da *essência* do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência da própria vontade de potência, que é precisamente vontade de vida⁶.

Já na passagem antes citada de Schopenhauer a vida só se afirma mediante um jogo de potências, ou seja, mediante assimilação por dominação, mediante conflito generalizado entre os indivíduos pela matéria em vista de exporem as suas próprias *Formen*, formas eternas – as Ideias platônicas ou “atos originários da vontade”. Como diz o ditado que Schopenhauer tanto aprecia e que poderia também funcionar como epígrafe do quadro especular da essência do mundo: “a serpente precisa devorar outra serpente para tornar-se dragão”⁷.

A divergência é que a Vontade de vida, para Schopenhauer, como essência do mundo, manifesta-se em aparências volitivas, as quais apresentam-se como guerreiras no campo de batalha que é a realidade efetiva. Assim, a Vontade de vida como coisa em si aponta o metafísico daquilo que é físico, porém não se confunde com as aparências físicas, embora seja o “quê” desse “como”. As vontades individuais e suas aparências pluralizam, pelo *principium individuationis* (espaço + tempo), a vontade essencial una e indivisa. É precisamente nisto que temos a singular relação entre metafísica e física no pensamento de Schopenhauer, definidora da sua metafísica imanente.

Nietzsche, ao claramente guardar, penso, em sua filosofia, aquela assimilação por dominação da metafísica da natureza de Schopenhauer, em vista de definir a vontade de potência, o faz conservando o domínio do que em Schopenhauer é o das vontades individuais, ou seja, o campo de batalha efetivo da luta por matéria entre os indivíduos para afirmar a própria espécie. No fundo, trata-se do pólemos de Heráclito – o combate é o pai de todas as coisas, de uns ele tornou reis, de outros escravos –, pólemos que em Nietzsche não vai além da

⁶ NIETZSCHE, F. *Para além de bom e de mal*, § 259, negrito meu. Cito aqui a tradução brasileira de Paulo César Souza com outra solução por mim dada para o termo *Überwältigung*.

⁷ SCHOPENHAUER, A. *WWV I*, p. 173.

aparência, com o que este não admite o que em Schopenhauer está por trás dela, ou seja, o metafísico. Diz Nietzsche:

O que é agora, para mim, “aparência”! Na verdade, não o contrário de alguma essência – o que sei eu dizer de qualquer essência, a não ser, justamente, apenas os predicados de sua aparência! Na verdade, não uma máscara morta, que se poderia pôr sobre um x desconhecido e que também se poderia retirar! Aparência, para mim, é o próprio eficiente e vivente [...]⁸.

Essa, por conseguinte, é – gostaria aqui de denominá-la – uma *divergência, e convergência, primária* entre os dois autores. Se num, Schopenhauer, a vontade de potência apenas explicita a Vontade de vida, noutra, Nietzsche, a vontade de vida apenas explicita a vontade de potência. No primeiro autor temos a convivência entre metafísica, vale dizer, vontade como essência autodiscordante do mundo, e cosmologia, isto é, realidade como espelho dessa autodiscórdia. No segundo autor temos um corte dessa convivência, pois para ele os predicados da aparência já são os da essência, com o que, por assim dizer, resta-lhe apenas a cosmologia.

Ora, o que está aqui em jogo é que, com a postulação de uma vontade como *essência* autodiscordante do mundo, Schopenhauer acredita, ao salvaguardar a metafísica, ser fiel ao mote dos, segundo ele, honestos de espírito, que soa: *Ich glaube an einer Metaphysik*, eu acredito numa metafísica. Não se trata de uma metafísica dos desonestos de espírito, ou seja, daquela metafísica transcendente dos conceitos vazios sem intuições, destruída pela *Crítica da razão pura* de Kant, mas da metafísica imanente que se erige a partir do próprio corpo do investigador e da observação daquilo que, cerebralmente, se passa na consciência de si e na consciência das outras coisas. Metafísica que sempre se (re)apresenta como uma necessidade inextirpável da natureza humana.

Ora, se os filósofos não levam a sério a metafísica, observa Schopenhauer, os padres a levam sim a sério, sempre a levaram a sério, e sempre a levarão, para grande estrago do espírito humano, comparável ao estrago que os professores de filosofia fazem ao usar a filosofia em interesse próprio, vale dizer, a tornam, com raríssimas exceções, num jogo vazio de conceitos e de livros entediantes que pretensamente demonstram verdades últimas reveladas pela divindade travestida

⁸ NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*, p. 194.

em absoluto. Ora, é por não desprezar a metafísica como uma necessidade inextirpável do ser humano que Schopenhauer aproxima a sua própria filosofia da religião, em especial do buddhismo e do cristianismo⁹.

Deve-se, sem dúvida, aqui destacar que Schopenhauer jamais foi contra a religião, e como poderia ser, se esta liga-se discursivamente a um sentimento, a necessidade metafísica do ser humano, este concebido como *animal metaphysicum*? Schopenhauer é, sim, contra o discurso da religião transformado em teologia especulativa (provas da existências de Deus, como a ontológica, cosmológica, e físico-teológica, examinadas e pulverizadas por Kant), teologia esta astutamente usada tanto por padres quanto por filósofos de cátedra, em vista de cativar e dominar os espíritos desprevenidos intelectualmente. Contudo, Schopenhauer sempre reconheceu que a religião abriga em seu discurso uma verdade *sensu allegorico*, que, todavia, não pode ser transformada em verdade *sensu proprio*. O povo, porém, por não entender a verdade em sentido próprio, como é a filosófica, precisa da verdade em sentido alegórico, ou seja, de uma metafísica especial, justamente a religião¹⁰.

Nesse contexto, para Schopenhauer, a física mesma não consegue sustentar-se com os próprios pés, mas precisa de uma metafísica para apoiar-se, por mais que se vanglorie com suas teorias diante desta. Pois, no fundo, a física explica as aparências através de algo ainda mais desconhecido que as aparências, ou seja, através de leis naturais, baseadas em forças naturais, às quais também pertence a força vital. A física, assim, tem como limite precisamente as forças naturais, sem poder dizer o que elas são em si mesmas.

Ora, a metafísica, para Schopenhauer, começa justamente ali onde detém-se a física, pois aquela aponta para além do que é físico, para além da força natural, a vontade como coisa em si das forças naturais, na medida em que, no corpo do investigador, o núcleo deste corpo é também o núcleo de todo o mundo natural. Do que se segue, conclui o filósofo, que é impossível uma física absoluta, ancorada apenas na noção de forças naturais. O espírito humano não se contenta com esse enigma, o enigma daquilo que atua nas forças; só a metafísica conseguiria decifrá-lo, na medida em que consegue “perpassar a aparência mesma, até aquilo que

⁹ Cf. capítulo final de WWV II, “Epifilosofia”.

¹⁰ Cf. a esse respeito SCHOPENHAUER, A. WWV II, cap. 17, “Sobre a necessidade metafísica do ser humano”.

aparece”.

Referências bibliográficas

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

_____. *Para além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. 2ª ed. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

Recebido: 30/05/16

Received: 05/30/16

Aprovado: 12/06/16

Approved: 06/12/16